



Luzes da Teosofia

© 2020 – Conhecimento Editorial Ltda

Luzes da Teosofia – Vol. 7

Autores diversos

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
 vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Organizador: Edilson Almeida Pedrosa
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Caspar David Friedrich
Caminbante sobre o mar de névoa

ISBN 978-65-5727-038-7
1ª Edição – 2020

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo
Produzido no departamento gráfico da

Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Luzes da Teosofia – Vol. 7 / Organizado por Edilson Almeida Pedrosa — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2020.

246 p. (Teosofia: A força da Verdade)

Diversos autores
ISBN 978-65-5727-038-7

1. Teosofia 2. Ciências ocultas 3. Espiritualidade 4. Reencarnação 5. Filosofia I. Pedrosa, Edilson Almeida

20-2312

CDD – 130

Índices para catálogo sistemático:
1. Ciências ocultas : Esoterismo

Autores diversos

Luzes da Teosofia

Volume 7

1ª edição
2020



A iluminação não é um substituto para a virtude, esforço ou disciplina, mas a recompensa pela alta realização em todas essas virtudes. As pessoas gentis que acreditam que a realização espiritual irá aliviá-las de suas responsabilidades terrenas têm muito de teologia, mas não suficiente filosofia em suas almas. A teologia ensina a lançar seus fardos sobre os outros, mas a filosofia diz-lhes para carregá-los por si mesmos. A iluminação não é o início do ocultismo, mas o fim da senda. Poucos procuram a sabedoria por ela mesma, muitos a desejam apenas como uma solução para os desconfortos da vida. A sabedoria seguramente liberta o homem da servidão aos aborrecimentos triviais, mas também lhe confere uma responsabilidade maior do que ele jamais imaginou.

Manly Palmer Hall, em *Palavras para o Sábio: Um Guia Prático para as Ciências Ocultas*

Conteúdo

Prefácio	9
Sonhos	
H. P. Blavatsky	12
Testemunho sobre os <i>Mabatmas</i>	
Damodar K. Mavalankar	37
Comentários sobre o <i>Bhagavad Gita</i>	
T. Subba Row	48
Assim acima como abaixo	
G. R. S. Mead	176
Narrativas e contos fantásticos	
Os “espíritos” vampiros.....	188
Biografia	
T. Subba Row	225
Curiosidades teosóficas	
Alquimia	232
A vida exemplar de um mártir da S. T. na Espanha	236
Índice dos artigos até agora editados	241

Prefácio

Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora. – Tagore

A teosofia é o acervo de conhecimentos das causas da existência de tudo no Universo retido por um grupo de seres extraordinários chamados adeptos, cujas mentes estão em perfeita sintonia com a Mente Universal. Além da busca incessante pelo conhecimento e sabedoria universais, as doutrinas teosóficas firmam-se também nos preceitos do amor, da fraternidade e do não egoísmo. É nesse manancial infinito e eterno da verdade, do amor e da sabedoria universais onde se assentam todas as religiões e encontra-se a essência dos sistemas filosófico-religiosos da antiguidade. A teosofia unifica, explica e harmoniza filosofia, ciência e religião, e o exame apurado da literatura teosófica autêntica deixa transparecer claramente essa concordância fundamental.

O movimento teosófico moderno, fundado por H. P. Blavatsky e Henry Steel Olcott, no último quartel do século XIX, espalhou-se pelo mundo e tem se tornado cada vez mais conhecido na atualidade. Grande parte do sucesso dessa nova corrente de pensamento deve-se à notável obra escrita deixada por Blavatsky, a qual se coloca como um dos capítulos mais destacados da criatividade humana. Percebe-se naquele magnífico edifício literário uma espantosa demonstração de talento, erudição, inspiração, visão profética, profundidade

espiritual, constituindo-se um fenômeno inexplicável que ainda choca e surpreende a mente da maioria das pessoas que entram em contato com ele. A grandiosa obra de Blavatsky compõe-se não apenas dos muitos e importantíssimos livros que publicou, mas também de numerosos artigos editados por vários periódicos e que formam, em seu conjunto, um acervo monumental. Boris de Zirkoff, sobrinho de Blavatsky, colecionou notas, diários, artigos, cartas, bem como todos os seus livros publicados, perfazendo uma coleção, em 14 volumes, que foi denominada *The Blavatsky Collected Writings* e totaliza mais de 8000 páginas.

Além de todo esse rico material provindo da fundadora, que contém ensinamentos valiosos, com suas instruções particulares, inclusive as que ela transmitiu depois de 1888 aos membros da Seção Esotérica da Sociedade Teosófica, os atuais teósofos dispõem de uma quantidade volumosa de livros, pesquisas e artigos elaborados por teósofos notáveis de grande erudição e espiritualidade, sendo alguns deles companheiros de primeira hora dos fundadores da Sociedade Teosófica e outros que se destacaram em fases subseqüentes de desenvolvimento e expansão da teosofia pelo mundo, inclusive na atualidade. Só para lembrar alguns nomes, podemos citar, dentre dezenas de outros igualmente importantes: A. P. Sinnett, William Q. Judge, H. S. Olcott, Annie Besant, T. Subba Rao, C. W. Leadbeater, G. R. S. Mead, Gerald Massey, Franz Hartmann, Ernest Wood, C. Jinarajadasa, Arthur A. Powell, N. Sri Ram, Geoffrey Hodson, Gottefried de Purucker, Boris de Zirkoff, Clara M. Codd, P. G. B. Bowen, Geoffrey Farthing, N. Bhashyacharya, R. B. Holt, Parabolanus, Frederick Hockley, Geo. C. Williams, Ianthe Hoskins, A. L. Pogosky, Bhagavan Das.

Após quase 150 anos da fundação da Sociedade Teosófica, ocorrida em 1875, a tremenda produção literária dos teósofos e pesquisadores vinculados, discípulos ou não dos mestres de sabedoria, especialmente os milhares de artigos produzidos, encontram-se à disposição dos estudantes de filosofia esotérica na forma de livros e outras publicações ou até mesmo na internet. Porém, quase tudo se encontra redigido em línguas estrangeiras, especialmente a inglesa, o que di-

ficulta enormemente para os pesquisadores e buscadores da vida espiritual de língua portuguesa com desconhecimento de outros idiomas.

Há, por conseguinte, grande demanda a ser suprida por mais publicações na nossa língua que exponham integralmente o pensamento dominante e as tendências atuais que derivam dos ensinamentos valiosos da Sabedoria Antiga. A **EDITORA DO CONHECIMENTO** espera agora que esse anseio possa ser satisfeito com a publicação da presente série de volumes do selo 'Luzes da Teosofia'. A profícua produção literária sob a forma de artigos produzidos por Blavatsky e os mais destacados teósofos do passado e da atualidade serão disponibilizados, a cada mês, sob o formato de livros, numa série sem prazo determinado para terminar. A Editora espera que essa antologia do conhecimento divino, exposta magistralmente por qualificados pesquisadores da verdade eterna, possa se constituir num roteiro seguro de acesso ao conhecimento esotérico.

Os teósofos caracterizam-se especialmente por serem livres pensadores. Desde a sua fundação, a Sociedade Teosófica, apesar de ter o seu corpo doutrinário, nunca impôs aos seus membros renúncia às crenças particulares e aos ensinamentos e dogmas de suas religiões, a única exigência é com a prática da fraternidade e o respeito mútuo. De sorte que não se deve esperar nos textos apresentados nesta série ora lançada inteira coerência e concordância uns com os outros, pois cada autor teosófico tem o direito de expressar livremente o pensamento de qualquer escola a que esteja vinculado, mas jamais o de menosprezar opiniões opostas à sua ou de forçar qualquer pessoa a aceitar os seus pontos de vista.

Sonhos^[1]

por H. P. Blavatsky

Tradução: Edilson A. Pedrosa

Observação: Este trabalho foi reproduzido a partir de anotações taquigráficas, que foram realizadas no momento em que o assunto era discutido. As afirmações de H. P. B. ocorrem na forma de respostas a perguntas. Na reimpressão seguinte, as perguntas foram omitidas, as respostas de Blavatsky foram, porém, preservadas com a adição de algumas poucas palavras em locais onde se tornavam necessárias à compreensão.

Alma animal só ativa em sonhos

Nos sonhos comuns, chamados de visões ociosas, que se distinguem dos sonhos reais, os princípios ativos são *kama*^[2], a sede do ego pessoal e do desejo, que é despertado para atividade caótica pelas reminiscências adormecidas do *manas* inferior, ou alma animal (o *nepbesh* dos cabalistas hebraicos). Ele é o raio que emana do *manas* superior, ou ego permanente, e é esse princípio que forma a mente humana no instinto dos animais, pois os animais também sonham.^[3] Essa ação combinada de *kama* e da alma animal é, no entanto, pura-

[1] Título original: *Dreams*. Texto reimpresso de *Transactions of The Blavatsky Lodge of The Theosophical Society*, 1890 (Comunicações da Loja Blavatsky da Sociedade Teosófica: 1890), editado e reorganizado por Alice Leighton Claro. The Blavatsky Pamphlets – n. 7.

[2] Remetemos o leitor ao final deste trabalho, onde há um glossário (Anexo n° 1) das palavras que interessam ao entendimento do texto e ao Anexo n° 2, que é um quadro sinótico dos sete princípios constituintes do ser humano. (NT).

[3] [A palavra 'sonho' significa realmente 'adormecer', sendo a última função chamada em russo *dreamatj*. – ED].

mente mecânica. É o instinto, não a razão, que está ativo nela. Durante o sono do corpo, eles^[4] recebem e emitem choques elétricos mecânicos de e para vários centros nervosos. O cérebro dificilmente é impressionado por eles, e a memória armazena-os naturalmente, sem ordem ou sequência. Ao despertar, essas impressões desaparecem gradualmente, assim como todas as sombras fugazes que não têm uma realidade básica ou substancial subjacente. A faculdade retentiva do cérebro, no entanto, pode registrar e preservá-las se elas o tiverem impressionado forte o bastante. Mas, como regra, nossa memória registra apenas as impressões fugidias e distorcidas que o cérebro recebe no momento do despertar. Esse aspecto dos sonhos, no entanto, foi suficientemente observado e descrito corretamente em obras fisiológicas e biológicas modernas, pois tais sonhos humanos não diferem muito dos sonhos dos animais. Aquilo que é inteiramente terra incógnita para a ciência são os sonhos e as experiências reais do ego superior, que também são chamados de sonhos, mas não deveriam ser assim denominados ou, então, o termo que designa as outras “visões” dos adormecidos deveria mudar.

Ego imortal ativo em sonhos reais

A natureza e as funções dos sonhos reais não podem ser compreendidas a menos que admitamos a existência de um ego imortal no homem mortal, independente do corpo físico; pois o assunto torna-se praticamente ininteligível a menos que acreditemos – o que é fato – que durante o sono o indivíduo torna-se apenas uma forma animada de argila, cujos poderes de pensamento independente estão totalmente paralisados.

Mas, se admitirmos a existência de um ego superior ou permanente em nós (e que ego não deve ser confundido com o que chamamos de “eu superior”) poderemos compreender que aquilo que frequentemente consideramos sonhos, geralmente aceitos como fantasias ociosas, são, na verdade, páginas desgarradas e arrancadas da vida e das experiências do homem interior, das quais a fraca lembrança, no momento de despertar, torna-se mais ou menos distorcida pela nossa

[4] [*Kamas* e *manas* inferior. NT].

memória física. Esta última memória captura mecanicamente algumas impressões dos pensamentos, fatos testemunhados e atos realizados pelo homem interior durante suas horas de total liberdade. Pois nosso ego vive sua própria vida separada dentro de sua prisão de barro sempre que se liberta das amarras da matéria, ou seja, durante o sono do homem físico. Esse ego é o ator, o homem real, o verdadeiro eu humano. Porquanto o homem físico não pode sentir ou ser consciente durante os sonhos; pois a personalidade, o homem exterior, com seu cérebro e mecanismo de pensamento, fica mais ou menos paralisado por completo.

Poderíamos comparar o ego real a um prisioneiro, e a personalidade física ao carcereiro de sua prisão. Se o carcereiro adormece, o prisioneiro escapa ou, pelo menos, passa para o lado de fora das paredes de sua prisão. O carcereiro está meio adormecido e parece balançar a cabeça o tempo todo por uma janela, através da qual ele só consegue, de vez em quando, ter vislumbres de seu prisioneiro, como se ele fosse uma espécie de sombra se movendo na frente dele. Mas o carcereiro não pode perceber nem saber nada das ações reais – e especialmente dos pensamentos – do seu custodiado; pois, em todos os eventos, durante o sono, esses não impressionam o seu carcereiro. O verdadeiro ego não pensa como sua personalidade evanescente e temporária. Durante as horas de vigília, os pensamentos e a voz do ego superior atingem ou não o seu carcereiro – o homem físico – pois são a voz de sua consciência, mas durante o sono são absolutamente a “voz no deserto”. Nos pensamentos do homem real, ou da “individualidade” imortal, as imagens e visões do passado e do futuro são como as do presente; nem seus pensamentos são como os nossos, imagens subjetivas em nossa atividade mental, mas atos e ações vivas, atualidades presentes. São realidades, assim como foram quando a fala expressa em sons não existia; quando os pensamentos eram coisas, e os homens não precisavam expressá-las em discursos, pois eles percebiam-nas instantaneamente em ação pelo poder de *kriya-sakti*, aquele poder misterioso que transforma instantaneamente ideias em formas visíveis, e essas eram tão objetivas para o “homem”

da terceira raça quanto os objetos da visão são agora para nós.

Ações-pensamento do ego

Os poucos fragmentos daqueles pensamentos do ego que são transmitidos à nossa memória física, que às vezes os re-tém, são refletidos no cérebro do adormecido como sombras externas nas paredes de lona de uma tenda, as quais o ocupante vê quando acorda. Então o homem pensa que sonhou tudo aquilo e sente como se tivesse vivido alguma coisa, enquanto são, na realidade, as ações-pensamento do verdadeiro ego que ele percebeu vagamente. À medida que fica completamente desperto, suas lembranças tornam-se a cada minuto mais distorcidas e se misturam às imagens projetadas do cérebro físico, sob a ação do estímulo que faz com que o adormecido desperte. Essas lembranças, pelo poder de associação, colocam em movimento vários conjuntos de ideias.

Para o sonhador (o ego), em seu próprio plano, as coisas naquele plano são tão objetivas quanto os nossos atos são para nós. Os sentidos do dormiente recebem choques ocasionais e são despertados em ações mecânicas; o que ele ouve e vê é, como já foi dito, um reflexo distorcido dos pensamentos do ego. Este último é espiritual superior e está intimamente ligado aos princípios superiores, *buddhi* e *atmâ*. Estes princípios superiores são inteiramente inativos em nosso plano, e o ego superior (*manas*) está mais ou menos adormecido durante o despertar do homem físico. Esse é especialmente o caso de pessoas de mente muito materialista. Tão dormentes estão as faculdades espirituais, porque o ego está muito obstruído pela matéria, que dificilmente pode dar toda a sua atenção às ações do homem, mesmo se ele cometer pecados pelos quais aquele ego (quando reunido com seu *manas* inferior) terá que sofrer conjuntamente no futuro. São, como eu disse, as impressões projetadas no homem físico por este ego que constituem o que chamamos de “consciência”. E, na medida em que a personalidade, a alma inferior (ou *manas*), se une à sua consciência superior, ou ego, a ação do último sobre a vida do homem mortal torna-se mais marcante.

O “ego superior” é o *manas* superior iluminado por *buddhi*; o princípio da autoconsciência, o “eu-sou-eu”, em suma.

É o *kârana-sarira*, o homem imortal, que passa de uma encarnação para outra.

Sonhos reais impressos ocasionalmente no cérebro

Como os sonhos são, na realidade, as ações do ego durante o sono físico, eles são, é claro, registrados em seu próprio plano e produzem nele os efeitos apropriados. Mas deve ser sempre lembrado que os sonhos, em geral, e como os conhecemos, são simplesmente nossas lembranças despertas e confusas desses fatos.

Acontece muitas vezes, de fato, que não nos lembramos de ter sonhado, mas mais tarde a lembrança do sonho surge-nos de repente com um flash. Há muitas causas. É análogo ao que às vezes acontece com cada um de nós. Muitas vezes, uma sensação, um cheiro, até mesmo um ruído ocasional ou um som traz-nos de imediato à mente eventos, cenas e pessoas há muito esquecidos. Algo do que foi visto, feito ou pensado pelo “ator noturno”, o ego, imprimiu-se naquele momento no cérebro físico, mas não foi trazido para a memória consciente, desperta, devido a alguma condição física ou obstáculo. Essa impressão está registrada no cérebro em sua célula ou centro nervoso apropriado. Mas, devido a alguma circunstância acidental, fica pendente, por assim dizer, até que algo lhe dê o impulso necessário. Então o cérebro transfere-a imediatamente para a memória consciente do homem acordado; pois assim que as condições requeridas são satisfeitas, aquele centro particular entra em ação de pronto e faz o trabalho que tinha que fazer, mas fora impedido no momento de completá-lo.

Há uma espécie de comunicação telegráfica consciente acontecendo incessantemente, dia e noite, entre o cérebro físico e o homem interior. O cérebro é uma coisa tão complexa, tanto física como metafisicamente, que é como uma árvore cujo casca você pode remover camada por camada, com cada camada sendo diferente de todas as outras e cada uma tendo seu próprio trabalho, função e propriedades especiais. Durante o sono, a memória física e a imaginação são evidentemente passivas, porque o sonhador está adormecido: seu

cérebro está adormecido, sua memória está adormecida, todas as suas funções estão inativas e em repouso. É somente quando elas são estimuladas, como eu lhes disse, que são excitadas. Assim, a consciência do adormecido não está ativa, mas passiva. O homem interior, no entanto, o ego real, age independentemente durante o sono do corpo; mas é duvidoso que algum de nós – a menos que esteja completamente familiarizado com a fisiologia do ocultismo – possa entender a natureza de sua ação.

Parte desempenhada pela luz astral

A luz astral é a “tábua da memória” do homem animal, aquele *akasa* do ego espiritual. Os sonhos do ego, assim como os atos do homem físico, são todos registrados, pois ambos são ações baseadas em causas e produzem resultados. Nossos “sonhos”, sendo simplesmente o estado de vigília e as ações do verdadeiro eu, devem estar, é claro, registrados em algum lugar. Leia *Karmic visions* (Visões cármicas), em *Lucifer* [Volume II, 1889. *Blavatsky Pamphlet* n° 10] e observe a descrição do ego real, sentado como um espectador da vida do herói e talvez algo lhe atinja.

A filosofia esotérica ensina-nos que a luz astral é simplesmente a escória do *akasa*, que é a ideação universal em seu sentido metafísico. Embora invisível, ainda é, por assim dizer, a radiação fosforescente deste último e o intermediário entre ele e as faculdades do pensamento do homem. São os pensamentos que poluem a luz astral e fazem dela o que é – o depósito de todas as iniquidades humanas e especialmente as psíquicas. Em sua gênese primordial, a luz astral como radiação é bastante pura, ainda que quanto mais ela desça, aproximando-se de nossa esfera terrestre, mais se diferencie e se torne impura em sua própria constituição. Mas o homem ajuda consideravelmente essa poluição e devolve sua essência muito pior do que quando a recebeu.

A diferenciação no mundo físico é infinita. A ideação universal – ou *mahat*, se você prefere – envia sua radiação homogênea para o mundo heterogêneo, e ela alcança as mentes humanas, ou pessoais, através da luz astral. Nossas mentes

recebem sua iluminação diretamente do *manas* superior através do inferior, sendo o primeiro a pura emanção da ideação divina – os *mânasa-putras* que se encarnaram no homem.

Os *mânasas* individuais, ou os *kumaras*, são as radiações diretas da ideação divina («indivíduo», no sentido da diferenciação posterior, devido a inúmeras encarnações). Em suma, são a agregação coletiva daquela ideação, que se tornam em nosso plano, ou do nosso ponto de vista, *mabat*, tal como os *dhyān chobans* são, em seu agregado, o Verbo ou «Logos» na formação do mundo. Se as personalidades (*manas* inferior, ou as mentes físicas) fossem inspiradas e iluminadas unicamente por seus alter egos superiores, haveria pouco pecado neste mundo. Mas elas não são. E, emaranhando-se nas malhas da luz astral, elas se separam cada vez mais de seus egos pais. Leia e estude o que Eliphas Lévi diz sobre a luz astral, que ele chama de Satanás e a Grande Serpente. A luz astral tem sido considerada demasiadamente no sentido literal, vindo a significar algum tipo de segundo céu azul. Esse espaço imaginário, no entanto, no qual estão impressas as incontáveis imagens de tudo o que sempre foi, é e será, é antes uma realidade triste demais. Torna-se para o homem (em todo psíquico, e quem não é?) no demônio tentador, seu “anjo do mal” e inspirador de todos os nossos piores atos. Ela age de acordo com a vontade do homem adormecido por meio de visões impressas em seu cérebro adormecido (cujas visões não devem ser confundidas com os “sonhos”), e esses germes produzem seus frutos quando ele acorda.

Parte desempenhada pelo carma e pela vontade nos sonhos

A vontade do homem exterior, a nossa vontade, está naturalmente adormecida e inativa durante os sonhos; mas uma certa virada pode ser dada à vontade adormecida durante a sua inatividade, e certos resultados posteriores desenvolvidos pela interação mútua, produzidos quase mecanicamente, através da união de dois ou mais «princípios» em um único, de modo que eles ajam em perfeita harmonia, sem qualquer atrito ou um único malogro, quando acordado. Mas esse é um dos artifícios da «magia negra», e quando usado para bons

propósitos pertence ao treinamento de um ocultista. É preciso estar muito adiantado no «caminho» para ter uma vontade que possa agir conscientemente durante o sono físico ou agir sobre a vontade de outra pessoa durante o sono, como, por exemplo, para controlar os seus sonhos e assim controlar as suas ações quando acordada.

Quando um adepto consegue unir todos os seus “princípios” em um, ele é um *jivanmukta*; ele virtualmente não é mais desta Terra e se torna um *nirvâni*, que pode entrar em *samâdhi* à vontade. Os adeptos são geralmente classificados pelo número de “princípios” que eles têm sob seu perfeito controle, pois aquilo que chamamos de vontade tem seu lugar no ego superior, e esse, quando está livre de sua personalidade carregada de pecado, é divino e puro.

Na Índia, os hindus – que preservaram em toda a sua pureza tradições de seus antepassados e recordam-se delas – dizem que o carma desempenha um papel nos sonhos; o que todo homem recebe o recompensa ou pune por todos os seus atos, tanto no estado de vigília quanto no de sonho. Eles sabem que o eu (*Self*) é o ego real e que ele vive e age, embora num plano diferente. A vida externa é um “sonho” para este ego, enquanto a vida interior, ou a vida no que chamamos de plano do sonho, é a vida real para ele. E assim os hindus (os profanos, é claro) dizem que o carma é generoso e recompensa o homem real nos sonhos, assim como à falsa personalidade na vida física.

O homem físico, animal, é tão pouco responsável quanto um cachorro ou um rato. Para a forma corporal, tudo acaba com a morte do corpo. Mas o verdadeiro eu (*self*), aquilo que emanou sua própria sombra, ou a personalidade inferior pensante, que encenou e puxou os fios durante a vida do autômato físico, terá que sofrer conjuntamente com seu *factotum* (empregado faz-tudo – NT) e alter ego em sua próxima encarnação.

Manas superior e inferior são um – e ao mesmo tempo não são – e esse é o grande mistério. O *manas* superior do ego é essencialmente divino e, portanto, puro; nenhuma mancha pode poluí-lo, assim como nenhuma punição, por si só,

pode alcançá-lo; tanto mais que é inocente e não participa das vilanias deliberadas de seu ego inferior. No entanto, pelo próprio fato de que durante a vida a forma superior seja distinta da inferior, embora sejam duais, “pai e filho” são um; e porque, reunindo-se com o ego pai, a alma inferior agarra-se e imprime sobre ele todas as suas más e boas ações, e ambos têm que sofrer: o ego superior, embora inocente e sem defeito, tem que suportar o castigo dos erros cometidos pelo eu inferior juntamente com ele em sua futura encarnação. Toda a doutrina da expiação é construída sobre esse antigo dogma esotérico; pois o ego superior é o antítipo daquilo que é o tipo nesta terra, ou seja, a personalidade. Para aqueles que entendem, é a velha história védica de Visvakarman repetida, praticamente demonstrada. Visvakarman, o Deus-pai que tudo vê, que está além da compreensão dos mortais, envia um filho de Bhuvana, o Espírito Santo, sacrificando a si mesmo para salvar os mundos. Na filosofia indiana, o nome místico do “ego superior” é *kshetrajna*, ou “espírito encarnado”, aquele que conhece ou esclarece *kshetra*, “o corpo”. Etimologize o nome e encontrará nele o termo *aja*, primogênito, e “lamb”, o cordeiro. Tudo isso é muito sugestivo, e volumes podem ser escritos sobre o desenvolvimento pré e pós-genético do tipo e do antítipo – do Cristo-Kshetrajan, o “Deus-homem”, o primogênito, simbolizado como o “cordeiro”. *A Doutrina Secreta* mostra que os *mânasa-putras*, ou egos encarnantes, assumiram, voluntária e conscientemente, o peso de todos os futuros pecados de suas futuras personalidades. Daí é fácil ver que não é nem o Sr. A. nem o Sr. B. nem qualquer uma das personalidades que periodicamente vestem o ego autossacrificante que são os verdadeiros sofredores, mas é, na verdade, o inocente *christos* dentro de nós. Assim, os místicos hindus dizem que o eu eterno, ou o ego (o um em três e três em um), é o “cocheiro”, ou condutor; as personalidades são os passageiros temporários e evanescentes; enquanto os cavalos são as paixões animais do homem. É verdadeiro, então, dizer que, quando permanecemos surdos à voz de nossa consciência, nós crucificamos o Cristo em nós. Mas voltemos aos sonhos.